

## SIMPÓSIO AT009

### VII SIMPOSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

#### A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO PERÍODO DITATORIAL: OS DISCURSOS METAFÓRICOS NAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO.

ÁVILA, S, Daniela  
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ  
[daniela.avila@outlook.com](mailto:daniela.avila@outlook.com)

TREIN, Fernanda  
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ  
[fernanda.trein@unijui.edu.br](mailto:fernanda.trein@unijui.edu.br)

**Resumo:** A literatura indica concepções do homem e mundo em diferentes realidades, destacando momentos históricos, sociais, políticos e culturais (ZILBERMAN, 2003). Com a inserção da criança no contexto social, um olhar especial para a literatura infantil se fez necessário. Com isso, constituiu-se a literatura infanto-juvenil contemporânea, visto sua inserção dentro do ambiente educacional. Este trabalho tem como objetivo destacar o caráter transformador da literatura infanto-juvenil, visto sua importância como elemento que resulta em uma formação de determinada consciência de mundo (COELHO, 2000), neste caso como representativa do período ditatorial no Brasil. O artigo tem como metodologia a revisão bibliográfica, com Zilberman (2003) e Coelho (2000), no que tange à literatura, Silva (2014) e Sader (1990) destacando o período ditatorial, e Davidson (1992) representando a significação de metáfora e seus empregos. Há também a análise de duas obras infantis escritas durante o período ditatorial que, mesmo que metaforicamente, trazem questões sociais de denúncia do período militar, que são *Raul da Ferrugem Azul* (1979) e *Era uma vez um tirano* (1982).

**Palavras-chave:** Literatura infanto-juvenil; ditadura militar; metáfora; contexto social.

**Abstract:** Literature brings conceptions of man and world from different realities, highlighting historical, social, political and cultural moments (ZILBERMAN, 2003). Having introduced the youth in a social context, a special look to the children literature becomes necessary. With that, contemporary youth and children literature is constituted, given its insertion into the educational environment. The goal of this paper is to highlight the transformative character of youth and children literature, given its importance as an instrument which results in a formation of a determined world conscience (COELHO, 2000), in the case of this paper, representative of the dictatorial period of Brazil. This paper's methodology is based on bibliographic review, with Zilberman (2003) and Coelho (2000), relative to the literature, Silva (2014) and Sader (1990) highlighting the dictatorial period, and Davidson (1992) representing the meaning of metaphor and its uses. There is also an analysis of two literary works for children written during the dictatorial period, that, even though metaphorically, raise up social questions that expose the military period, which are *Raul da Ferrugem Azul* (1979) and *Era Uma Vez um Tirano*.(1982).

**Keywords:** Youth and children literature; military dictatorship; metaphor; social context.

## Introdução

A literatura tem papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, pois constitui-se como uma ferramenta transformadora da realidade. Além das noções de sociedade, a literatura indica concepções do homem e mundo em diferentes realidades, destacando momentos históricos, sociais, políticos e culturais (ZILBERMAN, 2003).

Este trabalho evidenciará o papel da literatura infanto-juvenil enquanto instrumento de criticidade. A mesma tem sua razão e existência muito próxima das mencionadas anteriormente, mas preocupada com a ludicidade e escrita acessível às crianças.

As obras de Ana Maria Machado, *Raul da ferrugem azul* (1979) e *Era uma vez um tirano* (1982), serão analisadas, principalmente no que se refere aos elementos metafóricos que caracterizam críticas à ditadura.

### 1. Alguns apontamentos históricos sobre a literatura infanto-juvenil

Na literatura infantil, é notável a presença dos escritores Charles Perrault, no século XVII, e dos Irmãos Grimm, no final do século XVIII e início do XIX. Eles se apropriaram dos contos de fadas, de tradição oral, e os adaptaram, uma vez que as histórias não eram originalmente infantis, possuindo trechos cruéis e finais assustadores. Mais tarde, no Brasil, destaca-se Monteiro Lobato, representante do pré-modernismo da literatura brasileira, sendo um divisor de águas no que tange à produção literária infantil. Conhecido pela sua característica crítica social, o autor eterniza muitos personagens na obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo* (1920 – 1947), como a boneca de pano, Emília. O escritor retoma em suas obras a literatura clássica, mas também cria e recria concepções do folclore nacional.

Com isso, os escritores começaram a ver no gênero uma oportunidade de sair do período de estagnação nos anos de 1950-60. Já na década de 70, a literatura cresce consideravelmente, causando o chamado *boom* da literatura. Isso pode estar associado ao crescimento da literatura nacional “devido à

eclosão de um grupo de contistas e poetas, os “novos”, os “marginais”, a “geração mimeógrafo” (ZILBERMAN, 2003, p. 195).

Surge então a escritora das duas obras que serão analisadas, Ana Maria Machado, que fica marcada na história como uma grande escritora da literatura infantil no Brasil. Sua vida e escrita foram marcadas pela opressão da ditadura, pois muitas de suas obras foram censuradas, justamente pelo conteúdo crítico em uma sociedade calada pela ditadura militar. No final de 1969, ela foi exilada para a Europa, onde deu continuidade a seus estudos.

A metodologia deste artigo se configura como uma pesquisa qualitativa, utilizando pesquisa exploratória em documentos, obras e periódicos. O trabalho se propõe a analisar duas obras infantis de Ana Maria Machado, que, por meio de elementos metafóricos, trabalha com a crítica ao regime militar (1964).

A importância da literatura no espaço social e seu papel de ferramenta de atuação cultural (ZILBERMAN, 2003), serão destacados ao longo do artigo, visto que essas obras, além de lúdicas à criança, também são ferramentas que auxiliam no processo de democratização do conhecimento e liberdade. Zilberman (2003) e Coelho (2000) são autores que serão utilizados para explicitar a teoria e a crítica literária no que se refere à literatura infantil. Já no que se refere à análise metafórica das narrativas, a teoria de Davidson (1992) é utilizada.

## 2. Contextualizando as obras

As obras analisadas foram escritas durante o período ditatorial e foram marcadas pela censura, tendo sua publicação negada por diversas editoras. *Raul da Ferrugem Azul* (1979) narra a história de um menino que começa a ficar preocupado com algumas ferrugens e que foram surgindo em seu corpo. Essas manchas iam aumentando na medida em que o personagem não tinha coragem de intervir em situações injustas. *Era Uma Vez Um Tirano* (1982), por sua vez, trata de questões de autoritarismo e tirania. É a história de um “mandão” que surge em uma pequena comunidade e que começa a impor suas próprias regras perante a sociedade, que antes vivia livremente, feliz, colorida.

### 3. Contexto ditatorial no Brasil (1964-1985)

A ditadura militar (1964 a 1985) foi um período de supressão das liberdades individuais e da própria democracia, que aconteceu em diversos países da América Latina. Período de extrema camuflagem de ideologias, buscou esconder os reais objetivos com que se instaurava o novo regime (SADER, 1990).

Nesse período, o Brasil passava por uma crise interna, e militares e civis estavam em constante confronto. O presidencialismo do Brasil, na época na figura de João Goulart (1964), estava passando por crises, pois militares acreditavam que ele seria uma ameaça ao país, visto suas aproximações com pensamentos comunistas. Ocorre, assim, um início de queda da popularidade do governo, culminando na derrubada de Jango.

Ao longo desses anos, são criados pelo governo os Atos Institucionais (AI). Para Emir Sader (1990), “sob a vigência dos Atos Institucionais, o governo manteve o poder e cassação sobre um Congresso amedrontado e um Judiciário subserviente” (SADER, 1990, p. 22). O AI 5 foi considerado um dos mais perigosos, visto que dava poderes exclusivos aos militares. As torturas, prisões, mortes e proibições às críticas foram fortalecidas nesse momento.

Nesse período, diversos presidentes comandaram o Brasil, mas principalmente destaca-se o último dos governos militares, liderado por Figueiredo, já em declínio, caracteriza o fim da ditadura. Essa indicação de declínio do governo militar se dá no início dos anos 80, quando um novo “ciclo de crise financeira internacional elevou rapidamente as taxas de juros” (SADER, 1990 p. 36).

Neste processo de enfraquecimento, o presidente Figueiredo cria a chamada Lei de Anistia, a qual permitia que os presos e exilados pela ditadura fossem libertos, caracterizando um elemento que enfraquecia o regime. Ao mesmo tempo, a anistia também isentou os torturadores da responsabilidade sob seus atos, pois era ampla e irrestrita (SADER, 1990).

Esses elementos fizeram com que o regime fosse “desaparecendo”, e, com o tempo, os militares foram deixando o poder. Em 15 de janeiro de 1985 Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil democraticamente, mas acabou falecendo logo após. E José Sarney, o vice, assume o poder, sendo considerado o primeiro presidente civil pós ditadura, dando início a um novo ciclo no país, a Nova República.

#### **4. Análise do *corpora*: Metáforas referentes à ditadura nas obras infanto-juvenis *Raul da Ferrugem Azul* (1979) e *Era Uma Vez um Tirano* (1982).**

As obras foram escritas durante um dos períodos mais silenciosos e violentos da nossa história nacional. As publicações feitas durante esse tempo passavam por uma investigação do crivo crítico, a fim de perceberem se era um material duvidoso e que colocaria o governo em risco. Devido à forma mais leve e menos formal, característica da literatura infanto-juvenil, os autores viram nesse gênero a possibilidade de velar a crítica social. Os dois livros foram escritos nos últimos anos do período ditatorial, conhecido como “A reabertura política” (SADER, 1990), pois representavam a decadência do regime militar, seguido de passeatas, protestos e greves contra a situação.

A obra *Raul da Ferrugem Azul* aborda temas como a justiça, igualdade e solidariedade, sempre centrados no conflito vivenciado pelo personagem Raul. Além disso, a obra critica a comodidade e o medo que paralisa (problema enfrentado pelo protagonista). Em decorrência desses aspectos, a obra evidencia a expressão “quem cala consente”, percebida pelo medo que muitos personagens tinham de agir e de se expressar. Situação semelhante ocorria na sociedade durante o período militar, pois muitos não compactuavam com a ditadura, porém não faziam nada para ir contra ela e questioná-la.

Na obra são tratados aspectos mais universais, como questões pessoais e conflitos internos que, ao mesmo tempo que remetem ao período ditatorial, universalizam a narrativa e permitem que ela continue contemporânea. A história centra-se no menino Raul, que está enfrentando questionamentos quanto a sua existência, como as manchas que estão aparecendo em seu

corpo. Qual o motivo de elas existirem? Por que apenas ele as via? Essas perguntas são respondidas ao longo da obra, ajudando o garoto nessas suas inquietudes.

As metáforas são importantes justamente por denunciarem e criticarem, dessa forma, as palavras que expressam a revolta podem ser consideradas veladas. Neste caso, entende-se metáfora como “trabalho de sonho da linguagem e, como todo trabalho de sonho, sua interpretação recai tanto sobre o intérprete como sobre seu criador” (DAVIDSON, 1992, p. 35). Ou seja, não basta apenas perceber e compreender a tradução literal de uma palavra, mas também suas compreensões extralinguísticas, fora do texto, suas possíveis interpretações. O que faz com que a metáfora tenha “além do seu sentido ou significado literal, um outro sentido ou significado” (DAVIDSON, 1992 p. 35).

A expressão *ferrugem* não aparece à toa na narrativa, e, da mesma forma, a descoberta da cura por parte do menino Raul tem como propósito a ação de desenferrujar e, com isso, descobrir a libertação para todas aquelas ferrugens. O ato de expressar-se é que liberta o menino dessas manchas, momento em que evidencia o protagonismo dele e o senso crítico.

Para Davidson (1992), a metáfora é uma forma de comunicação paralela à ordinária, ou seja, significa uma comunicação além do que está escrito e perceptível aos olhos de qualquer leitor. Já o leitor crítico, das entrelinhas do texto, percebe a metáfora escondida entre as palavras e, como o próprio autor destaca, como ela está “engenhosamente vestida” (DAVIDSON, 1992, p. 36).

Na obra, essas metáforas dizem respeito à ditadura, visto que nessa representação de expectativas, em determinado momento, o garoto Raul utiliza as seguintes palavras:

Era uma vez um menino que quando nasceu recebeu de umas fadas invisíveis uma porção de dons especiais. Tinha voz para contar e falar. Tinha mãos para pegar e fazer. Tinha pernas para andar e correr. Tinha cabeça para inventar e pensar. Mas como ele morava num lugar onde as pessoas faziam quase tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar estes dons. (MACHADO, 1979 p. 45).

Percebe-se aqui a representação da ditadura como um momento de protagonismo nulo. As ações dos cidadãos, no caso de Raul, eram desnecessárias, pois haviam pessoas que agiam, falavam, contestavam em seu lugar.

Na obra *Era Uma Vez Um Tirano* (1982), é possível notar que a crítica é direta ao governo, questionando quem realmente seria o Tirano ou Déspota. O que chama a atenção é justamente as palavras utilizadas para contar uma história “infantil”, que, muitas vezes, é descompromissada com a realidade, o que definitivamente não acontece nesse caso. Termos como *Tirano*, *Déspota*, *mandão*, são corriqueiros durante a narrativa, dando a entender a crítica à ditadura. A obra traz à tona o exílio de artistas e intelectuais para outros países, a censura à mídia, o enriquecimento da minoria da população, as manifestações, reivindicações e revoltas. Todos esses elementos históricos estão dentro da narrativa de maneira lúdica, por meio do texto e das ilustrações.

A censura calou muitas pessoas, pois o crivo crítico acreditava que as manifestações artísticas fariam com que a população se rebelasse contra o governo. Na obra, a autora evidencia isso:

E num instante proibiu tudo que tivesse alguma invenção, alguma história, alguma ideia. Não sei se nesse tempo tinha filme, mas se tinha, estava proibido. Teatro, também, é claro. Num instante, não podia mais nada. Estava proibido cantar, dançar, tocar, batucar, representar, desenhar, pintar, inventar, escrever, ler, guardar papel escrito.” (MACHADO, 1982, p. 14).

Além da arte e expressão, estavam proibidos também elementos essenciais à natureza: “Era isso mesmo. Estavam proibidas as estrelas” (MACHADO, 1982, p. 13). Isso acaba causando a indignação da população, o que acaba por ser um estopim para a mobilização e protestos contra o governo do “Tirano”. Um vez que *estrela* referencia o sentido de guiar, mostrar o caminho, as pessoas, impedidas de olhar para elas, tornariam-se alienadas e desorientadas.

## Considerações Finais

Na análise das obras apresentadas, percebe-se a importância da literatura como conscientizadora e propulsora da realidade, como forma de expressão e liberdade humana, totalmente coibidas na ditadura. As metáforas ficam evidentes na análise, visto que para que os intelectuais se expressassem, eles deveriam se “esconder” por trás das palavras. Prática essa constante no período ditatorial e que ocorre até os dias de hoje.

Diante disso, destaca-se a importância da literatura ser trabalhada com cuidado e consciência na escola. Isso porque é ao livro e à literatura que “atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” (COELHO, 2000, p. 15).

Por isso, cabe ao professor de Língua Portuguesa ter conhecimento da riqueza literária produzida, a fim de proporcionar aos alunos um mergulho nas artes narrativas. Projetos de leitura, atividades interdisciplinares e outras ações com a literatura infanto-juvenil podem fazer muita diferença na formação escolar dos alunos, preparando-os para serem sujeitos de sua história, responsáveis e conscientes, cientes do seu passado e ativos em seu presente na construção de um futuro justo e democrático.

### Referências Bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história/teoria e análise**. 3ª edição refundida. São Paulo: Edições Quíron, 2000.

DAVIDSON, Donald. “O que as metáforas significam”. *In*: Sheldon Sacks (Org.) **Da metáfora**. São Paulo. EDUC/Pontes, 1992.

MACHADO, Ana Maria. **Era uma vez um tirano**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

MACHADO, Ana Maria. **Raul da ferrugem azul**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

SADER, Emir. **A transição no Brasil: da ditadura à democracia?** São Paulo. Atual. 1990.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. Ed., 11ª ed. 2003.